

RESSALVA

Atendendo solicitação do autor,
o texto completo desta tese será
disponibilizado somente a partir
de 09/03/2024



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Campus de São José do Rio Preto

Fernando Luís de Moraes

Literatura (d)e resistência:
o grito aguerrido de escritores *quare*

São José do Rio Preto
2023

Fernando Luís de Moraes

Literatura (d)e resistência:
o grito aguerrido de escritores *quare*

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Letras, área de concentração em Teoria e Estudos Literários, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *Campus* de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cláudia Maria Ceneviva Nigro

São José do Rio Preto
2023

M827l Morais, Fernando Luís de
Literatura (d)e resistência: : o grito aguerrido de escritores quare /
Fernando Luís de Morais. -- , 2023
252 p. : il.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio
Preto,
Orientadora: Cláudia Maria Ceneviva Nigro

1. Identidade de raça/etnia, gênero e classe. 2. Interseccionalidade.
3. Análítica queer/quare. 4. Thomas Grimes. 5. Waldo Motta. I.
Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Fernando Luís de Moraes

Literatura (d)e resistência:

o grito aguerrido de escritores *quare*

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Letras, área de concentração em Teoria e Estudos Literários, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *Campus* de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Comissão Examinadora

Prof^a. Dr^a. Cláudia Maria Ceneviva Nigro
UNESP – São José do Rio Preto
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Carla Alexandra Ferreira
UFSCar – São Carlos

Prof^a. Dr^a. Dantielli Assumpção Garcia
UNIOESTE – Cascavel

Prof. Dr. Emerson da Cruz Inácio
USP – São Paulo

Prof^a. Dr^a. Maria Angélica Deângeli
UNESP – São José do Rio Preto

São José do Rio Preto
09 de março de 2023



Este trabalho – e seus possíveis frutos – é dedicado “àqueles de nós cuja existência social é matizada pelo terror; àqueles de nós para quem a paz nunca foi uma opção; àqueles de nós que fomos feitos entre apocalipses, filhos do fim do mundo, herdeiros malditos de uma guerra forjada contra e à revelia de nós; àqueles de nós cujas dores confluem como rios a esconder-se na terra; àqueles de nós que olhamos de perto a rachadura do mundo, e que nos recusamos a existir como se ele não tivesse quebrado”.

(MOMBAÇA, 2017, p. 20, adaptação nossa).

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Para alcançar seu lugar no mundo, você deve ser você mesmo, e também reivindicar pelo Outro; deve acreditar na sua verdade, e não na “verdade” que lhe é impingida garganta abaixo. Na busca de quem sou, “[f]alo da minha entrega fatídica e cotidiana em continuar porque, apesar da dor e da luta, **preciso resistir. preciso resistir. preciso resistir**”. Nesse sentido, esta tese – escrita com suor negro e sangue negro e lágrimas negras – representa uma decolonização de conhecimentos, meu grito aguerrido e indignado, minha luta de resistência contra o cis-heteropatriarcado branco e elitista que, incansavelmente, tenta amordaçar a minha boca – e tantas outras – e subjugar o meu corpo – e tantos outros – às suas regras arbitrária e eurocentricamente estabelecidas. Configura, de mais a mais, minha diligência e militância antirracista, antissexista, antitrans/homofóbica, anticlassista empreendidas contra o autoritarismo desmesurado e descompassado, que me abate, dizima, massacra e assassina: “*I can’t breathe!, I can’t breathe!, I can’t breathe!*”

Embora interseccionado por inúmeros eixos de opressão, o “subalterno” pode, sim, falar. Aliás, não só pode como deve, ainda, **G-R-I-T-A-R** um grito que é (e necessita ser!) suficientemente potente para, assim, ferir os tímpanos e estilhaar os mecanismos de uma sociedade opressora, regida pela lógica da normalização. Como bem coloca o filósofo Jean-Paul Sartre, “[o] que vocês esperavam acontecer quando tiraram a mordaca que tapava essas bocas negras? Que entoassem hinos de louvor? Que as cabeças curvadas pelos nossos pais, à força, até o chão, quando se reerguessem, revelassem adoração nos olhos?”

Meu grito não é vindicação feita de uma única voz. Há, com ele, outras várias, em uníssono, que ganham força e ressoam. Diante desse fato, agradecer àquelas que se aliam à minha é digno e preciso.

Minha gratidão mais profunda e sincera é dedicada àquela que, desincrustando-me da concha que me resguardava de um mundo cruel e atroz, fez-me perceber o quanto sou uma pérola preciosa. Àquela que, cruzando meu caminho, foi capaz de colar as migalhas do meu coração, espatifado pela incredulidade alheia. Àquela que, tomando-me pela mão, aplacou meus medos, mitigando minhas incertezas, sem nunca, nem sequer por um átimo de segundo, duvidar de minhas potencialidades: a querida orientadora-mãe-amiga-salvadora **Prof^a. Dr^a. Cláudia Maria Ceneviva Nigro**.

*I was hopeless and broken, you opened the door for me.
Yeah, I was hiding and you let the light in, and now I see
That you do for the wounded what they couldn't seem to,*

*[you set them free
Like a butterfly kissing a child with an eye for the minor key.*

Nos instantes mais árduos – e nada raros – nesta minha odisseia pela academia, foi ela quem sempre me inspirou confiança sobre o resultado positivo a ser alcançado ao final desta árida mas recompensadora etapa. Sou grato por cada gesto humano e leniente, cada palavra encorajadora, cada conselho, cada sugestão. Muito obrigado!

A precariedade das palavras não me permite propriamente expressar minha profunda gratidão aos meus admiráveis orientadores, **Prof. Dr. Jesse Arseneault**, na Université Concordia (Montreal, Canadá), e **Prof. Dr. Domenico A. Beneventi**, na Université de Sherbrooke (Sherbrooke, Canadá) durante os períodos sanduíche de pesquisa. Sou-lhes grato pelo apoio inequívoco, brilhantismo, orientação, inspiração, compaixão, humor e amizade e, igualmente, por me desafiarem de modo contínuo, ensinando-me o que significa ser um estudioso comprometido com o ensino e a pesquisa e, sobretudo, a trabalhar com paixão. É inegável que seus acolhimentos e conversas constantes foram uma fonte vital e preme de inspirações para dar forma a este trabalho desde os estágios iniciais. *I thank you and salute you!*

Embora ditos à exaustão, não há – e, seguramente, jamais haverá – “obrigado” o bastante para agradecer meu bem maior, meu eterno xodozinho: **Heitor**, sobrinho querido, por quem nutro um amor ignaro de quaisquer restrições, mensurações ou destrutibilidades. Como serei, algum dia, capaz de expressar todo o amor encerrado em meu coração? Nem céus, mares, montanhas ou quaisquer outros impedimentos afastá-lo-ão de mim, e juro estar ao seu lado, do berço ao túmulo. Que eu seja o mundo que você é para mim, *mon petit prince*. “[O] que eu sou pra você ele pergunta / [...] você / é toda esperança / que eu já tive / na forma humana”. “Escolheria você ainda que / não soubesse da sua existência: / daria conta de te inventar só para me sentir / mais seguro no mundo.” Muito obrigado, “coisinha mais rica da vida do tio”, por, nas mais prosaicas atitudes, ensinar-me, de modo despretensioso, a observar as circunstâncias por outros e inusitados ângulos.

AGRADECIMENTOS

Início estes agradecimentos de modo inusual, ao revés, pois são, primeiramente, dirigidos àqueles que passaram por minha vida, mas com os quais não posso mais contar por razões inúmeras. Eles – todos – ensinaram-me uma imprescindível lição: “[o]nde não houver respeito, reciprocidade e afeto não existem motivos pra permanecer”, afinal “se você se doou por inteiro e, mesmo assim, o outro não enxergou a sua entrega, quem perdeu não foi você.” Por esses preciosos ensinamentos, meu mais sincero “obrigado”.

Meu apreço e gratidão cabais à minha família – meu altar sagrado – não só pela compreensão e amor imensuráveis mas também pelo amparo incondicional mesmo na cinza das horas. Minhas lutas constantes e cada uma das cicatrizes que carrego são por vocês, sem os quais minha existência seria frívola. Graças a vocês, existo sobre esta terra, continuo seguindo adiante e jamais me calo.

*Thank you for loving me,
For being my eyes
When I couldn't see,
For parting my lips
When I couldn't breathe.
Thank you for loving me.*

“Não desejo tratar minhas amizades de maneira delicada, mas com a mais brava coragem. Quando são reais, não são fios de vidro ou flocos de neve, mas, sim, a coisa mais sólida que conhecemos.” Portanto, pela solidez das relações construídas *au fil du temps*, devo-lhes muitos agradecimentos Alan Casteluber, Daniel Caetano, Eduardo Liebana, Fábio Pinheiro, Gabriela Frutuoso, Gustavo Caetano, Héber da Rocha, Henrique de Seta, Júnior Melo, Karina Rodrigues, Márcia do Carmo, Misael Machado e Ronaldo Groto, amigos excelentes, “que carregam o mundo para mim até novas e nobres profundidades, e ampliam o significado de todos os meus pensamentos”.

Sou e serei eternamente grato ao Daniel Beaupré, meu porto seguro, por me fazer sentir sempre pronto para enfrentar meus medos, minhas angústias, minhas fraquezas. Obrigado por me alimentar de esperança e de força e me dar novas cores. *Je te remercie infiniment !*

O exercício de escrita de uma tese é uma tarefa laboriosa e um desafio instigante. Gostaria, pois, de agradecer a muitas vozes que contribuíram significativamente para o desenvolvimento de minhas reflexões ao longo do percurso de produção deste trabalho. São elas:

- as Professoras Doutoras Carla Alexandra Ferreira (UFSCar) e Maria Angélica Deângeli (IBILCE/UNESP) pela generosidade, pela leitura diligente e pelas oportunas sugestões oferecidas durante a qualificação desta pesquisa;

- os Professores Doutores Carla Alexandra Ferreira (UFSCar), Dantielli Assumpção Garcia (UNIOESTE), Emerson da Cruz Inácio (USP) e Maria Angélica Deângeli (IBILCE/UNESP), componentes da banca de defesa, pelas sugestões detalhadas de mudanças e adições particularmente relevantes – aportes substanciais no aperfeiçoamento desta tese.

- os integrantes do Grupo de Estudos Gênero e Raça do IBILCE/UNESP;

- Jordan Rogers, meu irmão (gêmeo) americano de pesquisa, por disponibilizar recursos inestimáveis para a produção deste texto. *Thanks, bro!*;

- os colegas de graduação e pós-graduação, inúmeros para serem aqui elencados. No entanto, desejo citar três deles em especial: Alex Wagner Dias, André Luiz Menezes de Moraes e Thiago Sanches. Sou grato pelas nossas conversas, por vezes, lamentosas e dolorosas, mas sempre cingidas de muito carinho e encorajamento. Vocês são exemplos contínuos de humanidade;

- o Programa Futuros Líderes das Américas (ELAP), coordenado pelo governo canadense, pela dupla oportunidade de desenvolvimento de estágio de pesquisa no exterior.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Em resumo, sou grato

*For my family that raised me (Shout out! Shout out!),
And my teachers that done praised me (Shout out! Shout out!),
To anyone who tried to hate on me (Shout out! Shout out!),
Even the ones who tried to break me,
Even the ones who tried to take me down.*

[...]

*To all the givers and the takers,
To my crew from way back when,
To the cold wars and the stares,
And the ones that I ain't met.
For myself for sticking with me,
For the ones I miss from up above,
Anyone who's ever been a part of me*

Para todos/as vocês,

Ain't got nothin' but love.

*Nothin' but,
Nothin' but,
Ain't got nothin' but love!*

porque a memória é uma pele. membrana mesmo, dessas que vão acabando com nossa sanidade, fazendo a gente rever e desconstruir conceitos.

(SILVA, 2017, p. 103).

[...] eles virão para nos matar, porque não sabem que somos imorríveis. Não sabem que nossas vidas impossíveis se manifestam umas nas outras. Sim, eles nos despedaçarão, porque não sabem que, uma vez aos pedaços, nós nos espalharemos. Não como povo, mas como peste: no cerne mesmo do mundo, e contra ele.

(MOMBAÇA, 2017, p. 20).

Conheço bem aquilo que dói. Leio sobre cada parte do meu corpo a história de uma humilhação. Quando se mastiga a mordaca apenas o corpo medita, melancólico, voluntarista, fora de foco, aquém ou além do que se trata. O corpo não se cala, é testemunha voluntária. O corpo pede para ter voz. O que não foi dito pode ser esquecido? Só o que não se diz é preciso dizer. O verbo se faz carne pelo silêncio. Minhas mãos fazem gestos de lavrador, cuja feroz agricultura me promete o esquecimento.

(SISCAR, 2006, p. 21).

*Por que eu escrevo?
Porque eu necessito.
Porque minha voz,
em todos seus dialetos,
tem sido silenciada por muito tempo.*

(SAM-LA ROSE, 2002, p. 60, tradução nossa).

A nossa escrivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.

(EVARISTO, 2007, p. 21).

RESUMO

Numa sociedade intransigente, que relega ao limbo os indivíduos cujas identidades raciais/étnicas, de gênero e de classe distanciam-se dos ditames preconizados pelo hegemônico padrão eurocêntrico, cis-heterossexual, de classe média/alta, afirmar-se negro-gay-pobre, valorizando a própria identidade, constitui um processo de resistência e confronto em face da constante invisibilidade, obliteração e silenciamento. À vista disso, interessa-nos, nesta tese, perscrutar esses recintos a fim de investigar de que modo a interseccionalidade entabulada entre raça/etnia, gênero e classe em autores negros-gay (pobres) repercute em suas produções literárias, operando como manobra de insubordinação às inflexíveis diretrizes hegemônicas. A partir de uma triagem dos poemas de Thomas Grimes compilados nas antologias *Poets on the Horizon: A Collection of Poetry* (1988), *Milking Black Bull: 11 Gay Black Poets* (1995) e em seu livro *Reclamations* (1994), da produção poética de Waldo Motta nos livros *Eis o homem* (1987) e *Bundo e outros poemas* (1996), e também dos escritos que compõem a coletânea *In the Life: A Black Gay Anthology* ([1986] 2008), buscaremos desbravar leituras que indiciem como os sujeitos negros-gay-pobres foram – e ainda têm sido – subjugados ao anonimato e invisibilizados não só enquanto escritores mas enquanto sujeitos sociais e políticos. Sustentamos que essas produções escritas atuam como um arsenal de instrumentos de denúncia das discriminações sociais e da precária posição ocupada por sujeitos negros-gay de classe baixa num reduto marcado pelos parâmetros da branquidade, da heterossexualidade e do classismo. As reflexões aqui construídas estão em consonância com as analíticas *queer* e *quare*. O aporte crítico-teórico sobre o qual se sustenta este trabalho abrange obras como as de Almeida (2018), Butler (2014, 2016, 2018, 2019), Campbell e Kean (1997), Collins e Bilge (2016), Crenshaw (1995), Hall (2003), Johnson (2005), Lorde (2007, 2019), Restier e Souza (2019) e Wilchins (2004).

PALAVRAS-CHAVE: Identidade de raça/etnia, gênero e classe. Interseccionalidade. Analítica *queer/quare*. Thomas Grimes. Waldo Motta.

ABSTRACT

In an uncompromising society which relegates to limbo individuals whose race/ethnic, gender, class identities deviate from the dictates advocated by the hegemonic Eurocentric, cis-heterosexual, middle/upper-class pattern, asserting oneself as a Black gay poor male, proud of one's identity, constitutes a process of resistance and confrontation in the face of continual invisibility, obliteration and silencing. In view of this, this doctoral dissertation aims to peer into these zones in order to investigate how the intersectionality between race/ethnicity, gender and class in Black gay (poor) authors is reflected in their literary productions, operating as a maneuver of insubordination to the inflexible hegemonic directives. From a selection of poems of Thomas Grimes compiled in the anthologies *Poets on the Horizon: A Collection of Poetry* (1988), *Milking Black Bull: 11 Gay Black Poets* (1995) and in his book *Reclamations* (1994), from the poetic production of Waldo Motta in the books *Eis o homem* (1987) and *Bundo e outros poemas* (1996), and also the writings that compose the collection *In the Life: A Black Gay Anthology* ([1986] 2008), we attempt to determine readings which indicate how Black gay poor subjects were – and still have been – subjected to anonymity and rendered invisible not only as writers but also socially and politically. We argue that such written productions serve as an arsenal of instruments for denouncing both social discrimination and the precarious position occupied by Black gay lower-class individuals in a stronghold marked by the parameters of whiteness, heterosexuality and classism. The reflections developed here are in line with Queer and Quare analytics. The theoretical framework under which this study is carried out is based mainly upon the contributions of Almeida (2018), Butler (2014, 2016, 2018, 2019), Campbell and Kean (1997), Collins and Bilge (2016), Crenshaw (1995), Hall (2003), Johnson (2005), Lorde (2007, 2019), Restier and Souza (2019) and Wilchins (2004).

KEYWORDS: Race/ethnic, gender, class identities. Intersectionality. Queer/Quare analytics. Thomas Grimes. Waldo Motta.

RÉSUMÉ

Dans une société intransigeante qui relègue aux oubliettes les individus dont les identités de race/ethnie, de genre, de classe s'écartent des diktats préconisés par le modèle hégémonique eurocentrique, cis-hétérosexuel, de classe moyenne/supérieure, s'affirmer en tant qu'un homme noir-gay-pauvre, fier de son identité, constitue un processus de résistance et de confrontation face à l'invisibilité, à l'effacement continu et à la mise en silence. Dans cette optique, cette thèse de doctorat vise à scruter ces zones afin d'étudier comment l'intersection entre la race/l'ethnie, le genre et la classe chez les auteurs gays-noirs (pauvres) se reflète dans leurs productions littéraires, opérant comme une manœuvre d'insubordination aux directives hégémoniques inflexibles. À partir d'une sélection de poèmes de Thomas Grimes compilés dans les anthologies *Poets on the Horizon: A Collection of Poetry* (1988), *Milking Black Bull: 11 Gay Black Poets* (1995) et dans son livre *Reclamations* (1994), de la production poétique de Waldo Motta dans les livres *Eis o homem* (1987) et *Bundo e outros poemas* (1996), ainsi que des écrits qui composent le recueil *In the Life: A Black Gay Anthology* ([1986] 2008), on essaie de déterminer les lectures qui indiquent comment les sujets gays-noirs pauvres ont été – et sont encore – soumis à l'anonymat et rendus invisibles non seulement en tant qu'écrivains mais aussi en tant que sujets sociaux et politiques. On soutient que ces productions écrites servent d'arsenal d'instruments pour dénoncer, à la fois, la discrimination sociale et la position précaire occupée par les hommes gays-noirs de la classe inférieure dans un bastion marqué par les paramètres de la blancheur, de l'hétérosexualité et du classisme. Les réflexions développées ici s'inscrivent dans la lignée de l'analytique *queer* et *quare*. Le cadre théorique dans lequel s'inscrit cette étude est principalement basé sur les contributions de Almeida (2018), Butler (2014, 2016, 2018, 2019), Campbell et Kean (1997), Collins et Bilge (2016), Crenshaw (1995), Hall (2003), Johnson (2005), Lorde (2007, 2019), Restier et Souza (2019) et Wilchins (2004).

MOTS-CLÉS: Identité de race/ethnie, genre et classe. Intersectionnalité. Analytique *Queer/Quare*. Thomas Grimes. Waldo Motta.

ILUSTRAÇÕES

As ilustrações utilizadas nas aberturas dos capítulos desta tese são creditadas ao artista nigeriano Ken Nwadiogbu. Todas elas foram extraídas diretamente de seu site oficial: <https://www.kennwadiogbu.com/>.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

ROMPENDO A BASTA REDOMA QUE CINGE O LIMBO (OU A MINHA VOZ AINDA ECOA VERSOS PERPLEXOS COM RIMAS DE SANGUE).....	17
--	-----------

CAPÍTULO 1

A MORDAÇA QUE TAPA A BOCA PRETA (OU OUTROS JEITOS DE USAR A BOCA)	29
1.1 Desfazendo o nó na garganta: a abolição do silêncio	29
1.2 A máscara do silenciamento: vozes constrangidas à absoluta mudez	53
1.3 Autoexpressão e contramemória: dispositivos de resistência.....	58
1.4 Mas pode o subalterno falar?: gritando (em) nosso próprio nome, (em) nossa própria língua	72

CAPÍTULO 2

TRANSPLANTANDO AS MARCAS FUSTIGANTES DA PELE À PALAVRA (OU PRECEITUÁRIO PARA RACISTAS, HOMOFÓBICOS E ELITISTAS)	93
2.1 Uma história que se passa na penumbra, e é preciso que o sol transumante que trago comigo clareie os mínimos recantos.....	95
2.2 Mas, depois, o bofe bebe pinga e me xinga e me espanca e me crava uma faca no corpo: o modelo taxativo do gênero e suas violências	121
2.3 Sob a parca luz de uma lâmpada de 40 volts, numa caxanga suburbana: a diferença de classe não é menos ofuscante	135

CAPÍTULO 3

NO CU DE EXU, A LUZ (OU ROTAS INTERSECCIONAIS E AS VIAS CRUCIS DO CORPO)	161
3.1 Encruzilhadas e interseccionalidades: dismantelando o i(deo)lógico alicerce da casa grande para fundar o (est)ético mosaico das diferenças	162
3.2 O corpo-templo <i>quare</i> ressignificado: a materialidade como <i>locus</i> do flagelo e do gozo	191

CONSIDERAÇÕES

VOZES E GRITOS POSSÍVEIS (OU NÃO FOMOS FEITOS COM LEVEZA NA LÍNGUA).....	225
---	------------

REFERÊNCIAS	233
--------------------------	------------

ANEXO.....	248
Biografias atualizadas (2008)	248

INTRODUÇÃO

ROMPENDO A BASTA REDOMA QUE CINGE O LIMBO (OU A MINHA VOZ AINDA ECOA VERSOS PERPLEXOS COM RIMAS DE SANGUE)

*nossas costas
contam histórias
que a lombada
de nenhum livro
pode carregar*

(KAUR, 2017, p. 164).

*Que eu sou uma bicha louca, preta, favelada
Quicando eu vou passar e ninguém mais vai dar risada
Se tu for esperto, pode logo perceber
Que eu já não tô pra brincadeira
Eu vou botar é pra foder*

(DA QUEBRADA, 2017).

Quando a questão da identidade (dentre as quais as de raça/etnia, gênero e classe) é trazida à cena, pelo menos no contexto da contemporaneidade, assistimos a uma inevitável renúncia de quaisquer presunções que reconheçam os sujeitos como unos, fixos, estáveis. O arcaico e desgastado consenso a respeito do sujeito centrado, senhor de si, ruiu-se e foi sobreposto por outras concepções mais arejadas e maleáveis. Nessa atual conjuntura, a identidade cis-heterossexual, branca, de classe elitizada, por muito tempo consolidada como o paradigma hegemônico por natureza, abre-se a uma contestação sem precedentes, e sujeitos há muito empurrados em direção ao limbo por não se conformarem a essa configuração imposta passam a vislumbrar uma possibilidade de reconstruírem suas histórias.

No circuito das identidades excluídas, raça/etnia, gênero e classe são algumas das categorias que, ao longo do tempo, têm sido encaradas como esferas de experiências mutuamente excludentes. No entanto, tais discriminações, quando dirigidas a corpos negros cuja identidade sexual é tida como dissidente, não podem ser classificadas como instâncias estanques. A professora de direito, pesquisadora e ativista norte-americana Kimberlé Crenshaw alerta sobre os riscos dessa homogeneização. No artigo “Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color” [Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres racializadas],

publicado pela primeira vez em 1991, explica, contrariando alguns críticos, que as políticas identitárias não negligenciam o reconhecimento das diferenças, mas, antes, desconsideram ou desmerecem as diferenças existentes dentro do próprio grupo. Os dizeres de Crenshaw, no artigo em tela, objetam uma postura reducionista de perceber a complexidade do mundo em termos simplistas e plenos. Contudo, quando se trata de desigualdades sociais, é imprescindível recompor as diferentes dimensões que orbitam a identidade do sujeito, a fim de compreender como esses múltiplos eixos trabalham conjuntamente. Ao propor a utilização da interseccionalidade como ferramenta analítica, a autora leva-nos a pensar e perceber os numerosos níveis de injustiça social e de discriminação.

Os estudos de gênero, particularmente em sua vertente *queer*, parecem carecer de atenção quanto às interseccionalidades entabuladas entre gênero, raça/etnia e classe, para citarmos apenas algumas das potenciais instâncias (JOHNSON, 2005 [2001]; TAYLOR, 2009; MOORE, 2011). Por esse ângulo, o aparato analítico ora em questão parece focalizar as preocupações de LGBTQIA+ brancos, de classe média/alta – aqueles cujas identidades de gênero, raça/etnia e classe distanciam/desvirtuam em menor grau da matriz de sujeitos hegemônicos. Darnell Moore (2011), ao interrogar a presença negra no projeto *queer*, reconhece que, para serem amoldáveis aos sujeitos racializados, os estudos *queer* deveriam colocar em xeque as perspectivas enraizadas em noções de branquidade e privilégio branco – princípios revigorantes de uma ideologia racista. O autor e crítico midiático americano Earl Hutchinson, por sua vez, argumenta em “My Gay Problem, Your Black Problem” [Meu problema de gay, seu problema de negro] (2001, p. 3) que, se os gays brancos são encarados como uma “abominação”, os gays negros são “os párias dos párias” em uma sociedade onde se presumem homens negros como “menos que homens”, de acordo com os padrões artificiais do que é ser, de fato, homem. Pautado nessas duas leituras, pressupor que todos os *queers* são tangidos pelos mesmos mecanismos de opressão implica corroborar forças propulsoras de uma matriz normativa elidente de outras diferenças, supressora dos sujeitos. Tal presunção passa, embora de forma indeliberada, pelo crivo da recusa em legitimar a identidade como cambiante, como um emaranhado inextricável e contingente que trafega pelo sujeito. Por conseguinte, qualquer tentativa de análise dos sujeitos respaldada unicamente na noção de identidade de gênero é, por assim dizer, restritiva, pois desautoriza a emergência de outras identidades patentes porém abafadas.

Se há, como evidencia Judith Butler no título do célebre livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (2016 [1990]), um ou diversos problemas de gênero, há, igualmente, como anuncia Johnson (2005 [2001]), um ou diversos “problemas de raça/etnia”

que incidem sobre a “teoria” *queer*. Ao trazer a lume a multiplicidade de posições de sujeitos elididos por essa corrente de pensamento, E. Patrick Johnson, professor de Estudos Afro-americanos e Performance na Northwestern University, Estados Unidos, propõe um novo eixo de investigação: os estudos *quare*. Em “‘Quare’ studies, or (almost) everything I know about queer studies I learned from my grandmother” [Estudos ‘*quare*’ ou (quase) tudo o que sei sobre estudos *queer* aprendi com minha avó],¹ artigo datado de 2001 e republicado em 2005, o teórico propõe a reconceptualização dos estudos *queer*, visando a transformar o “simplesmente *queer*” em *quare*, a fim de abranger as categorias de raça/etnia e classe e viabilizar uma estratégia de leitura da sexualidade racializada e politizada. Em crítica às inadvertências e insuficiências da analítica *queer*, argumenta que, em razão de essa “teoria” dedicar-se diligentemente ao debate de noções como subjetividade/individualidade, agência e experiência, omite, embora de modo involuntário, questões enfrentadas por LGBTQIA+ negros provenientes de comunidades “racializadas”.

A problemática trazida à luz por Johnson é uma tentativa de correção da miopia caracterizadora do domínio investigativo dos estudos *queer*. A conjunção entre a significância das considerações aventadas por esse estudioso e a instituição de um novo campo de estudos é a pedra angular de um empreendimento lúcido cujo propósito é minar e combalir as pressuposições teóricas ainda permeadas por certo teor de privilégio dos estudos *queer*. Esse passo assertivo permite, portanto, retrazar uma trajetória na qual gênero, raça/etnia e classe são esquadrihados, construindo experiências particulares e discursos contra-hegemônicos que transcendem uma política de identidade mais austera para dialogar com as múltiplas opressões.

Adotar uma visada predisposta ao entendimento de que as diferenças existem, devendo ser reconhecidas e respeitadas, é oportunizar a narração da história a partir de um ponto de vista diferente, sem, para isso, usar as “ferramentas do mestre” (LORDE, 1979). A conquista desse espaço, dessa voz, até então interditos, promove “fissuras na ordem social essencialista apregoadora de um discurso que nega as diferenças e enfatiza um pensamento dicotômico e preconceituoso” (JESUS; CARBONIERI; NIGRO, 2017, p. 12). Aliás, a heterogeneidade do mundo e, por conseguinte, o enredamento da experiência humana são impossíveis de serem refreados e abarcados sob a jurisdição de um modelo correligionário de um único fator: a invariabilidade. Cada indivíduo dispõe de um mundo atravessado por uma visão particular. Não há, portanto, uma realidade já, e desde sempre, absoluta; não há ser já, e desde sempre, o

¹ A tradução deste ensaio para a língua portuguesa pode ser encontrada, na íntegra, no livro *Analítica Quare: como ler o humano* (2020), de Fernando Luís de Moraes.

mesmo. Com efeito, a homogeneização da identidade conduz ao “perigo de uma história única” (ADICHIE, 2019). A quebra dessa “visão única” representa um desnudamento de estigmas opressores e, sobretudo, a deglutição de parâmetros sedimentados. Assim, numa dinâmica de ruptura, problematizar a invisibilidade e o emudecimento dos sujeitos cujas identidades não se amoldam aos ditames preconizados pelo prevalente padrão eurocêntrico, heterossexual, de classe elitizada, e expandir a presença desses sujeitos ditos dissidentes significa romper a basta redoma que cinge o limbo e resgatar-lhes as vidas/vozes.

O campo da produção literária, gerador e disseminador de discursos, ainda é fortemente assinalado como espaço excludente. Uma rápida olhadela no inventário de autores elencados no cânone da literatura – quer local, quer mundial – evidencia um protótipo hegemônico de sujeito. Em outros termos, são, sobretudo, homens, cis-heterossexuais, brancos, de classe média/alta, radicados em grandes centros urbanos. Por conseguinte, essa mesma e prevalecente materialidade (também corporal) encontra-se espelhada em suas produções. Ao Outro, configurado como diferente, resta uma completa supressão ou, na melhor das hipóteses, uma condição de mudez e subalternidade, frequentemente crivada de estereótipos. Conforme registra Regina Dalcastagnè, “[d]aí a tensão presente em textos de escritores e escritoras provenientes de outros segmentos sociais, que têm de se contrapor a essas representações já fixadas na tradição literária e, ao mesmo tempo, reafirmar a legitimidade de sua própria construção.” (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 17). Esse empreendimento tensivo e cáustico de contestação traduz-se naquilo sugerido pelo crítico literário José Guilherme Merquior (1996) como sendo uma das funções históricas da literatura: a problematização da vida. Em outros termos, significa a “hipertrofia da visão problematizadora” exteriorizada em uma “atitude crítica ante a existência” e a sociedade (MERQUIOR, 1996, p. 208-209).

Se, por um lado, o campo literário pode ser caracterizado como espaço monopolizador de lugares de fala (supostamente “superiores”) e, inevitavelmente, de exclusão, por outro, presta-se como arena de combate na qual a consecução da fala e a validação de vozes “marginalizadas” é reclamada – afinal, os “espaços podem ser interrompidos, apropriados e transformados por meio da prática artística e literária” (HOOKS, 2015, p. 234, tradução nossa).² São essas vozes dissonantes, cotidianamente enclausuradas em redutos negligenciados, as grandes produtoras de narrativas que trafegam no contrafluxo de discursos ortodoxos, fomentando um contínuo desafio contra o cis-heteropatriarcado branco e elitista. Nesse sentido,

² “[...] spaces can be interrupted, appropriated, and transformed through artistic and literary practice” (HOOKS, 2015, p. 234).

tal qual numa prática de resistência, a literatura produzida por escritores como Thomas Grimes, Waldo Motta, Essex Hemphill e tantos outros – cujas vozes ainda ecoam versos perplexos com rimas de sangue e fome³ – esquivam-se do parnaso para se embrenhar no gueto e desvelar uma realidade opressora. Ao empreender tal prospecção e esquadrihar recintos preteridos, oportuniza-se uma alforria de sujeitos socialmente proscritos.

O dramaturgo, ator, artista performático e poeta Thomas Anthony Grimes (1957 - 2003) contribui de forma crucial para o resgate dessas vidas obliteradas. Ao tratar das mazelas que assolam os sujeitos negros-gay, a literatura por ele produzida deflagra um horizonte de (co)existências plurais, um cenário onde as vozes “desarmônicas” podem ressoar como um canto tenaz, refutando o totalitarismo e as formas de dominação. Grimes, empreendendo um desvencilhamento da ótica convencional e cristalizada no panorama da literatura, utiliza-a como ferramenta para suplantar o problemático estreitamento de visão arraigado no âmbito da sociedade norte-americana (mas também recorrente em tantas outras).

Notadamente no que diz respeito à produção poética, seus textos circularam por diversos meios como em *Black/Out*, *The Black Voice*, *The Boston Herald*, *The Boston Globe*, *Roxbury Community News*, e nas antologias *Poets on the Horizon: A Collection of Poetry* e em *Reclamations*. Seus trabalhos são lidos e performados no *The Dark Room*, *The Cantab Lounge*, *The Nuyorican Poets Café* e *The Blue Note* em Manhattan, *The Lizard Lounge*, e no *International Poetry Slam* em 1993, em São Francisco. A poesia do autor também integra outras antologias como *Milking Black Bull: 11 Gay Black Poets*, editada por Assotto Saint, e *Deep Talk*, publicada pela editora *Parfait de Cocoa Press*.

Não obstante seu ativismo, seu comprometimento com ações representativas do movimento LGBTQIA+ e sua notável produção (em diversos domínios que não só o da literatura), Grimes é um autor a respeito do qual há uma exígua fortuna crítica. Suas publicações perderam-se no tempo. Alguns números resgatados aqui e acolá, no entanto, dão mostras de sua postura. Por isso, se, sob o efeito dessa carência, surge um entrave em se realizar uma investigação com base em publicações disponíveis, abre-se, em contrapartida, um caminho prolífico sobre a nova literatura na pesquisa acadêmica.

Quanto às obras acessíveis desse autor, contamos apenas com os poemas publicados em três antologias, *Poets on the Horizon: A Collection of Poetry* [Poetas no horizonte: uma coletânea de poesias] (1988), *Reclamations* [Reivindicações] (1994) e *Milking Black Bull: 11 Gay Black Poets* [Tirando leite de touros negros: 11 poetas negros-gay] (1995), que constituem

³ Fazemos, aqui, uma apropriação/adaptação dos versos do poema “Vozes-mulheres”, de autoria de Conceição Evaristo. (EVARISTO, 2017, p. 10-11).

parcialmente o *corpus* do nosso trabalho. Quanto ao material científico produzido acerca do autor, valemo-nos dos trabalhos pioneiros *Nothing is black or white, it can also be g(r)ay: a study of identity constructions in Thomas Grimes' poetry* [Nada é preto ou branco, pode-se também ser cinza/gay: um estudo das construções identitárias na poesia de Thomas Grimes] (2012) e *Diamantes negros sob um arco-íris multicolorido: as identidades negras-gay na poesia de Thomas Grimes* (2019), ambos assinados por Fernando Luís de Moraes.

Ao lado de Grimes, o poeta capixaba Edivaldo Motta (conhecido anteriormente como Valdo Motta, e, agora, como Waldo Motta) é outro escritor engajado na tarefa do resgate dos sujeitos subalternizados pela cor da pele, pela identidade de gênero e pela condição social. *Quare – avant la lettre* – em todos os sentidos e intersecções do termo, Motta, nascido no interior do Espírito Santo, em 27 de outubro de 1959, é um poeta que não tem medo de ousar, de ser irreverente ou profanador. Tendo iniciado sua jornada literária no fim dos anos 1970, possui uma dezena de obras: *Pano rasgado* (1979), *Os anjos proscritos e outros poemas* (1980), *O signo na pele* (1981), *As peripécias do coração* (1981), *Obras de arteiro* (1982), *De saco cheio* (1983), *Salário da loucura* (1984), *Eis o homem* (1987), *Poiezen* (1990), *Bundo e outros poemas* (1996), *Cidade cidadã. A cor da esperança* (1998), *Transpaixão* (1999), *Recanto - poema das sete letras* (2002) e *Terra sem mal* (2015).

Desde a publicação do livro *Bundo e outros poemas*, em 1996, tem sido um dos poetas mais intrigantes no cenário nacional. Dotado de uma sagacidade *suis generis*, sua escrita é um exercício inveterado de reflexão existencial, forçando-nos a lançar sobre ela um olhar cauteloso porém desautomatizado, aberto a excêntricas e insólitas possibilidades. Debruçar-se sobre a obra poética desse escritor requer uma radical e perpétua desestabilização de concepções sagradas e, portanto, imaculadas do panorama da literatura brasileira – recinto ainda interdito ou pouco acessível àqueles que habitam um corpo, uma pele ou uma posição que os apartam dos privilégios sociais. Trata-se, logo, de uma arena tirânica na qual as diferenças são sufocadas e subjugadas, quando não colocadas sob rasura ou invisibilizadas. Em Waldo Motta, sacro e sacrilégio imiscuem-se, produzindo uma trama de fibras enredadas que se (des)cossem, operando uma inacabável (des)construção de imagens. Em um excerto do poema intitulado “Religião”, reconhece: “[a] poesia é a minha / sacrossanta escritura, / cruzada evangélica / que deflagro deste púlpito. / Só ela me salvará da guela do abismo” (MOTTA, 1996, p. 79).

A poesia waldiana, a poesia grimesiana e também os textos dos escritores catalogados em *In the Life: A Black Gay Anthology* (2008)⁴ são palavras-jogo de espelho, refletindo mais

⁴ Os escritores presentes na antologia *In the Life: A Black Gay Anthology* (2008) abordados nesta tese contam com uma pequena biografia na seção “Anexo” deste trabalho.

de uma faceta da vida dos autores, marcados pela condição de excluídos, de estigmatizados e de sofrendores de opressões múltiplas. Thomas Grimes, Waldo Motta e os outros autores contemplados na referida antologia são atravessados por, no mínimo, uma identidade diádica, uma identidade *quare*: são negros e gays. Ao proporem uma tônica de criação poética, investindo continuamente em fazer emergir temas ditos periféricos e aparentemente anti(po)éticos, resgatam o discurso do negro e do homossexual, amiúde imbricados.

O gesto escritural de Motta e Grimes e tantos outros é sempre uma empresa incisiva e atinada, pois, em sua materialidade meticulosamente tecida pelo discurso, atrai o leitor para se enredar pelos fios da linguagem e, nela, resgatar e ressignificar sentidos, resgatar e ressignificar vidas obliteradas. O projeto desses escritores não é apenas estético, mas também ético, pois, ao urdirem textos, tramam um jogo entre ficção e realidade, desestabilizando e desautomatizando olhares castradores de diferenças.

Os tantos escritores referendados em *In the Life*, assim como Motta e Grimes, fazem-nos pensar: o que significa um poeta/escritor negro, gay (e, por vezes, pobre) empreender um projeto literário nutrido dessas diversificadas instâncias de opressão? Quais discursos percorrem a materialidade de seus corpos e filtram-se, transformam-se e decantam-se como um discurso iconoclástico e profanador? Qual a relevância desses corpos rotineiramente convertidos em locais de traumas, em locais onde a violência – não só física mas também simbólica – é instituída? O que significa ter o corpo inscrito por dores mutiladoras e engendrar uma dinâmica complexa de produção escrita desentranhada desses excruciantes tormentos adâmicos? Como ressignificar a materialidade corporal “deturpada e subalterna” em proveito de uma materialidade corporal do desejo, portanto, *locus* de prazer, regozijo e gozo? A partir desses questionamentos, este estudo propõe como objetivo geral analisar algumas obras (poéticas) cujos textos se abram ao viés analítico de uma perspectiva interseccional entre raça/etnia, gênero e classe, e, por conseguinte, promover a visibilidade das escritas *quare*, cujas contribuições apontam para a construção de um novo e empoderado discurso literário sobre os sujeitos negros-gay. Em conformidade com o intento principal, três outros objetivos específicos são estabelecidos: (i) conceituar a noção de interseccionalidade e descrever o modo como essa concepção dialoga com a formação das identidades *quare*; (ii) comprovar a hipótese de que a interseccionalidade das identidades de gênero, raça/etnia e classe nos autores selecionados reverberam em suas escritas, operando como estratégia de insubmissão frente ao autoritarismo agenciador de estereótipos heteronormativas, raciais/étnicas e classistas. Em outros termos, evidenciar de que modo os textos desses autores são marcados pela problematização das relações sociais e pelo uso da linguagem como um grito aguerrido contra os horrores do círculo

opressor; e (iii) verificar de que modo a identidade *quare* impacta as manifestações discursivas dos eus líricos⁵/personagens/narradores nos textos literários selecionados, investigando, igualmente, os recursos presentes nesses textos que, ao rasgar o silêncio, convertem-nos em um ato de contestação/transgressão contra o despótico sistema, revelando, assim, o engajamento desses autores em uma vertente de denúncia social.

Porquanto sustentamos a hipótese de que a escrita dos literatos aqui em estudo servem como instrumento de denúncia, descortinando as discriminações sociais, as interdições e a precária posição ocupada por sujeitos negros-gay – em especial aqueles pertencentes à classe baixa – num reduto tão marcadamente branco, cis-heterossexual, de classe alta, a fundamentação teórica eleita assenta-se em estudiosos mobilizadores de um constante debate acerca de pontos específicos que circundam essas questões. Em meio a essa vasta gama de teóricos, encontram-se Bauman (2001, 2005), Butler (2014, 2016, 2018, 2019), Campbell e Kean (1997), Collins e Bilge (2016), Crenshaw (1995, 2002), Hall (2003), Johnson (2005), Kilomba (2019), Wallace (2002), Wilchins (2004) e Ribeiro (2017, 2019).

Campbell e Kean (1997) defendem, por exemplo, a necessidade de desafiar os limites da hegemonia racial/étnica, empreendendo uma luta pela autodefinição. Admitem, entre outras coisas, a premência de uma articulação de variados modos de expressão assertivos, que instaurem uma conduta de impostura subversiva frente às traumáticas imposições perpetradas num contexto cultural cuja voz dominante tem sido norteadada pelos parâmetros da branquidade. Somente a partir do rompimento com esse nocivo estatuto, o discurso centrado na experiência negra pode ser legitimado.

Em especial quanto às questões de gênero, Butler (2016 [1990]) sugere uma teoria performativa, que refuta categorias supostamente consolidadas como as de corpo, sexo, gênero e sexualidade, fomentando uma resignificação das arcaicas estruturas binárias. Ao questionar suposições tácitas, a teórica *queer* por excelência investe num intenso trabalho de desconstrução dos sujeitos, investigando os processos pelos quais esses mesmos sujeitos vêm a existir.

Adentrar os estudos sobre questões de raça/etnia e de gênero significa constatar os efeitos perniciosos das agruras acometedoras de milhares de vidas. As adversidades que afligem negros, gays e desvalidos de recursos não são, necessariamente, as mesmas que atingem os que sustêm, a um só tempo, essas três identidades, atacadas obstinadamente pelo racismo, pela homofobia e pelo classismo crônicos. Ao propor a utilização da interseccionalidade como ferramenta analítica, Crenshaw (1995) leva-nos a pensar e perceber os múltiplos níveis de

⁵ Neste trabalho, usamos indistintamente os termos “eu lírico”, “sujeito lírico”, “eu poemático”, “sujeito poemático”, “voz poemática”, “eu enunciador”, “sujeito enunciador”, “voz enunciadora”.

injustiça social – a dupla, tripla, quádrupla discriminação. Fundamentado nessa ideia aventada pela estudiosa e colmatando as lacunas deixadas pela analítica *queer*, Johnson (2005 [2001]) propõe a reconceptualização dos estudos *queer* como *quare*, a fim de abarcar as categorias de raça/etnia e de classe até então negligenciadas por aqueles estudos.

A partir de uma triagem dos poemas de Thomas Grimes compilados nas antologias *Poets on the Horizon: A Collection of Poetry* (1988), *Milking Black Bull: 11 Gay Black Poets* (1995) e em seu livro *Reclamations* (1994), da produção poética de Waldo Motta nos livros *Eis o homem* (1987) e *Bundo e outros poemas* (1996), e também dos escritos que compõem a coletânea *In the Life: A Black Gay Anthology* ([1986] 2008), buscaremos elementos autorizadores de uma leitura das identidades de gênero, raça/etnia e classe no contexto da contemporaneidade. Tomando as perspectivas de Bauman (2001, 2005) e Hall (2003) como suporte, assumiremos o pressuposto do descentramento do sujeito. Nesse contexto de identidades plurais, variáveis e performativas, estabeleceremos intersecções entre raça/etnia (CAMPBELL; KEAN, 1997) e gênero (BUTLER, 2002, 2016; WILCHINS, 2004) viabilizando uma melhor compressão da interseccionalidade (CRENSHAW, 1995, 2002; COLLINS; BILGE, 2016; AKOTIRENE, 2018) e da analítica *quare* (JOHNSON, 2005 [2001]).

A tese está organizada em três capítulos. O primeiro, intitulado “**A mordada que tapa a boca preta (ou Outros jeitos de usar a boca)**”, encontra-se dividido em três tópicos: I - “Desfazendo o nó na garganta: a abolição do silêncio”; II - “A máscara do silenciamento: vozes constrangidas à absoluta mudez”; e III - “Mas pode o subalterno falar?: gritando (em) nosso próprio nome, (em) nossa própria língua”. Nesse capítulo, problematizamos a dinâmica opressora e colonial que busca incessantemente negar e rechaçar os sujeitos situados à parte de uma matriz branca, cis-heterossexual e elitista. Em outros termos, discutimos como o racismo, a homofobia, o elitismo, os estigmas e os impedimentos que transpassam a vida dos sujeitos negros, gays e pobres têm operado uma mecânica implacável de emudecimento e invisibilidade. No enquadramento desse contexto de violenta constrição da pluralidade, assinalamos como é possível, a partir de um conjunto de modos assertivos de expressão, construir um novo léxico, uma nova gramática de vozes audíveis.

Sob o título de “**Transplantando as marcas fustigantes da pele à palavra (ou Preceituário para racistas, homofóbicos e elitistas)**”, abre-se o segundo capítulo, cujo intento é refletir como um enérgico e secular aparato colonial, autocrata e imperativo é perversamente regulado a fim de criar uma representação ilusória e contrafeita dos dissidentes sexuais, dos negros, dos privados de posses e bens. Buscamos, ainda, desvelar as consequências perniciosas dessa padronização social e desse sofisticado sistema estruturado em torno de construções

hegemônicas. Esse capítulo está subdividido em três tópicos: I - “Uma história que se passa na penumbra, e é preciso que o sol transumante que trago comigo clareie os mínimos recantos”; II - “Mas, depois, o bofe bebe pinga e me xinga e me espanca e me crava uma faca no corpo: o modelo taxativo do gênero e suas violências”; e III - “Sob a parca luz de uma lâmpada de 40 volts, numa caxanga suburbana: a diferença de classe não é menos ofusante”.

O terceiro capítulo – **“No cu de Exu, a luz (ou Rotas interseccionais e as vias crucis do corpo)”** – destina-se a apresentar considerações sobre o corpo, mais especificamente quando transpassado, a um só tempo, por vetores como o gênero, a raça/etnia e a classe. Em “Encruzilhadas e interseccionalidades: dismantelando o i(deo)lógico alicerce da casa grande para fundar o (est)ético mosaico das diferenças”, defendemos a pertinência de uma mirada analítica calcada na interseccionalidade, ângulo a partir do qual a construção e inclusão de distintas experiências e vivências são viabilizadas. Em “O corpo-templo *quare* ressignificado: a materialidade como *locus* do flagelo e do gozo”, argumentamos a importância da materialidade corporal, seja porque reduzida a *locus* de perpetuação da violência, seja porque convertida a lugar de regozijo e prazer.

Como consequência do trabalho aqui desenvolvido – partindo do completo abafamento da voz até o grito liberado de denúncia –, esperamos que esta tese possa prover recursos substanciais para a construção de um pensamento teórico-crítico situado na contramão de disposições provenientes de uma ordem arbitrariamente prescrita. Desejamos que este trabalho seja um grito aguerrido, produto de “uma linguagem de facas e picaretas, de ácidos e labaredas” (PAZ, 1995, p. 159, tradução nossa),⁶ e, em sua potência, preste-se a “execrar, exasperar, excomungar, expulsar, expropriar, expelir, excluir, expurgar, escoriar, expilar, exprimir, expectorar, exulcerar, excrementar (os sacramentos), extorquir, extenuar (o silêncio), expirar” (PAZ, 1995, p. 159, tradução nossa)⁷ condutas que segregam, consternam, devastam e exterminam. Replicando os dizeres de Malcolm X em sua incansável e respeitável luta pelos direitos humanos,

[...] ousei sonhar para mim mesmo que, um dia, a história pode até dizer que minha voz – perturbadora da presunção do homem branco, de sua arrogância e de sua condescendência –, que minha voz ajudou a salvar a América [talvez pudéssemos dizer “o mundo”] de uma cova, possivelmente até de uma

⁶ “[...] *un lenguaje de cuchillos y picos, de ácidos y llamas*” (PAZ, 1995, p. 159).

⁷ “[...] *execrar, exasperar, excomulgar, expulsar, exheredar, expeler, exturbar, excorpiar, expurgar, escoriar, expilar, exprimir, expectorar, exulcerar, excrementar (los sacramentos), extorsionar, extenuar (el silencio), expiar.*” (PAZ, 1995, p. 159).

catástrofe fatal. (MALCOLM X, 1968, apud CAMPBELL; KEAN, 1997, p. 91, tradução nossa).⁸

Nosso grito foi dado. Afinal, um grito negro de liberdade é imperativo; ferir os tímpanos do cis-heteropatriarcado branco, elitista e repressor é um gesto premente e crucial.

⁸ *"I have dared to dream to myself that one day, history may even say that my voice—which disturbed the white man's smugness, and his arrogance, and his complacency—that my voice helped to save America from a grave, possibly even a fatal catastrophe."* (MALCOLM X, 1968, apud CAMPBELL; KEAN, 1997, p. 91).

CONSIDERAÇÕES
VOZES E GRITOS POSSÍVEIS
(OU NÃO FOMOS FEITOS COM LEVEZA NA LÍNGUA)

*Passei a acreditar, com uma convicção cada vez maior,
 que o que me é mais importante deve ser dito, verbalizado e compartilhado,
 mesmo que eu corra o risco de ser magoada ou incompreendida.
 A fala me recompensa, para além de quaisquer outras consequências.*
 [...]

*O fato de estarmos aqui e de eu falar essas palavras
 é uma tentativa de quebrar o silêncio e de atenuar algumas das diferenças entre nós,
 pois não são elas que nos imobilizam, mas sim o silêncio.
 E há muitos silêncios a serem quebrados.*

(LORDE, 2019 [1984], p. 51-55).

*Se eu bater bater minha cabeça
 nos paralelepípedos desta rua desolada
 até reduzi-la a farelos
 não resolve porque o mundo continua.
 Mas se eu gritar gritar gritar talvez
 desperte os homens dessa catalepsia.*

(MOTTA, 1987, p. 11).

*A poesia cria a linguagem para expressar e registrar
 essa demanda revolucionária,
 a implementação da liberdade.*

(LORDE, 2019 [1984], p. 48).

O espectro da intolerância e de seus discursos, exteriorizado em discriminações de gênero, de raça/etnia e de classe, entre outras tantas, tem sido uma constante fortemente sentida no contexto contemporâneo, nas mais distintas esferas. Embora, ao longo dos anos, as assim chamadas “minorias” venham conquistando cada vez mais voz, visibilidade e espaço, as exclusões sociais que as atingem ainda são contumazes. Em um cenário cultural alicerçado sobre o patriarcalismo conservador, cuja gramática imperativa é manifesta e taxativamente branca, cis-heterossexual e elitizada, os parâmetros taxonômicos nela postulados são recrudescidos e vê-se uma necessidade iminente de reescritura da história dos sujeitos a eles alheios. No empreendimento de um exercício prudente e refletido de contestação da narrativa produzida sob as lentes detratórias do colonizador, oportuniza-se a articulação de um discurso

renovado, investido de vigor e vitalidade crítica, capaz não só de transpor silêncios há muito impostos mas também de resistir à tendência à exclusão.

Grada Kilomba admite que “[a] realidade experienciada do racismo, os encontros subjetivos, as experiências, as lutas, o conhecimento, a compreensão e os sentimentos dos negros [...], assim como as cicatrizes psíquicas que o racismo nos causa, têm sido amplamente negligenciados” (KILOMBA, 2019, p. 72) – e aqui não é pretensioso estender essa displicência a questões de gênero e de classe. Se há, contudo, um estado persistente de letargia, como sustenta Kilomba, Frantz Fanon (2008), como apontamos anteriormente, defende haver uma região marcada pelo não-ser, território improdutivo de onde pode resultar um “autêntico ressurgimento”. E o tempo dessa emergência particular, o momento de reivindicação da voz, da insurreição resoluta só pode ser o agora, conforme constata bell hooks em raciocínio extremamente lúcido e de solidez inequívoca:

O tempo de avançar está próximo, e há muito temos renunciado a espaços segregados de oposição radical. Nossa separação agora é geralmente uma mera fuga – um santuário para se esconder e esquecer. *A hora de lembrar é agora. A hora de proferir um discurso racial contra-hegemônico tomado da paixão da lembrança e da resistência é agora.* Todas as nossas palavras são indispensáveis. A fim de superar a dor, de sentir o poder da mudança, da transformação, da revolução, *temos de falar agora – reconhecer nossa dor agora, reivindicar tanto uns aos outros quanto nossas vozes agora.* (HOOKS, 1995, p. 6, grifo nosso, tradução nossa).¹⁵⁸

Espaço tanto de abertura radical quanto de experimentações, deslocamentos e decolonizações, a arte literária permite a instalação de uma nova ordem, abarcando um repertório de memórias de aflição e amargura, mas igualmente de luta, insubordinação e resistência e gozo. Nesse domínio, escrever irrompe como prática de transgressão contra o sentido convencionado – e, por isso mesmo, arbitrário e opressor – e como investimento que viabiliza outras formas de compreender o real em seu extenso inventário de possibilidades. Como evidenciamos ao longo deste trabalho, a poesia (mas também a prosa) contemporânea de autores como Thomas Grimes, Waldo Motta, Essex Hemphill e todos aqueles referendados na coletânea *In the Life: A Black Gay Anthology* (2008), cada vez mais voltada para questões da

¹⁵⁸ “*The time to go forward is still upon us and we have long surrendered segregated spaces of radical opposition. Our separation now is usually mere escape— a sanctuary for hiding and forgetting. The time to remember is now. The time to speak a counter hegemonic race talk that is filled with the passion of remembrance and resistance is now. All our words are needed. To move past the pain, to feel the power of change, transformation, revolution, we have to speak now—acknowledge our pain now, claim each other and our voices now.*” (HOOKS, 1995, p. 6).

vida real, procura justamente construir uma zona de tensão, de atenuação da dor e de reposicionamento social. São vozes que, segundo explica Regina Dalcastagnè, encontram-se preteridas do campo literário, “vozes cuja legitimidade para produzir literatura é permanentemente posta em questão, que tensionam, com a sua presença, nosso entendimento do que é (ou deve ser) o literário.” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 16).

Empurrando os limites da crítica literária, Terry Eagleton (2011) argumenta que, independentemente da adesão política consciente do autor, toda grande arte é “socialmente progressista” – e, no caso dos autores aqui estudados, ela é abertamente vanguardista e liberal – ao tornar concreta as forças históricas de uma determinada época, “forças que formam a base para a mudança e o crescimento, revelando seu potencial de desenvolvimento em seu mais alto grau de complexidade.” (EAGLETON, 2011, p. 58). Tal colocação parece compendiar nosso argumento segundo o qual Hemphill, Motta, Grimes e os tantos outros autores aqui abordados, ao vasculharem as entranhas da vida social, a fim de revelar seus meandros e enredamentos ou o cerne de sua condição, adotam uma postura forçosamente progressista. De seus ofícios empenhados podemos, por conseguinte, extrair a subsequente compreensão: suas escritas “dramatiza[m] as forças significativas da vida social, indo além do que pode ser observado fotograficamente quando da retórica imposta de uma ‘solução política’ (EAGLETON, 2011, p. 87).

Em suas ilimitadas inovações e transgressões, a (po)ética – e a prosa-ética – desses escritores é desafiadoramente aguda. Empreendendo, sobre o terreno de uma singularidade expressiva, a cartografia e a reterritorialização de corpos situados fora da norma hegemônica, leva-nos a reexaminar as disposições de poder reguladoras de nossa sociedade, fundada sobre os baluartes unificadores do cis-heteronormativismo branco e elitista. Dito de outra forma, esse discurso literário (est)eticamente articulado incita-nos a repensar os corpos abjetos, os corpos *quare*, em toda sua materialidade, interditos, privados de transitar por espaços predefinidos. Sob forma de uma contínua resistência, eis então que os escritos aqui trazidos a lume, desvencilhados das malhas do discurso unívoco, dão-nos a ver a seriedade e a relevância de gritos outros e de Outros. Em sua cabal potência de ressignificações, rejeitam uma lógica minorizante de tolerância, promovendo uma objeção mais radical aos regimes do “normal”. Esse discurso literário renovado, articulado em torno de uma linguagem visceral alimentada de resoluções pessoais, carrega um dinamismo para transgredir limites, solapando séculos de silêncio imposto, tingido de perversidade e opressão. Formal e estilisticamente construído para servir de intervenção crítica e transformadora, tem o potencial de romper com o poder:

Os discursos, como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e *também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta*. O discurso veicula e produz poder; reforça-o *mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo*” (FOUCAULT, 1988, p. 96, grifo nosso).

Os escritores *quare* que esta tese deu a conhecer, emprestando seus talentos às causas as quais abraçam, põem a serviço dos sujeitos negros e gays e pobres suas benevolências e humanidade, fazendo ecoar aos ouvidos um grito potente e grandioso de irmandade. Promovem, portanto, um resgate desses sujeitos “abjetos”, “subalternos” como forma de reparação do esquecimento produzido pela História hegemônica, solidificadora de assimetrias raciais/étnicas, de gênero e de classe. Essas novas dicções aguerridas levam-nos a pensar que “há coisas que é preciso dizer, sem usar os recursos da dissertação teórica avançadinha que, muitas vezes, cheia de modismos [...] escamoteia preconceitos e/ou falta de honestidade intelectual e humana.” (GOMES, 1987, p. 99). Quando sistemas e códigos falham na missão de fornecer o reconhecimento àqueles privados de direitos, esses poetas e prosadores põem-se a falar, a replicar, lançando mão do vernáculo das ruas, das quebras de padrões, da instauração de uma nova sintaxe e semântica produzidas por suas vozes, singular ou coletivamente, que escavam significados outros, mesmo de terrenos supostamente áridos, improdutivos e devolutos de discursividade. São esses discursos, imbricados na experiência corporal negra-gay-pobre, árdua e incessantemente comprometidos com o social, a voz de júbilo que canta a sacralidade do corpo *quare*, mas também a voz incansável que clama e, entoada num timbre abrasador, atea fogo às predisposições hegemônicas devastadoras e dizimadoras de humanidades. São gritos de resistência, ora como vocalizações de denúncia, ora como uivos de regozijo.

Ao incandescer os versos e as linhas de prosa e liberar do abafamento as múltiplas vozes, os escritores trazidos à cena, num processo estratégico de reversão de discursos normalizadores e reacionários, problematizam, desconstroem, minam, escavam, perturbam, subvertem e esfacelam estruturas domesticadas e domesticadoras do conhecimento calcado numa visão supremacista. Nesse sentido, seus gritos aguerridos são impertinentes, irreverentes, perversos, subversivos, profanos, extraindo o gozo do corpo, que é, a um só tempo, templo destinado ao culto e paraíso. E falou Waldo Motta, dizendo: “atiçai-me o vosso fogo / dai-me as graças do gozo / das delícias que guardais / no paraíso do corpo.” (MOTTA, 1996, p. 45).

Por fim, mesmo sem pedir licença ou permissão, subverterei, uma vez mais, os formalismos acadêmicos e me enunciarei em primeira pessoa, tal qual ensina Thomas Grimes em suas várias produções.

No Brasil, a produção científica promovida por negros (atravessados por suas mais diversas intersecções) – embora em escala diminuta, devido à obstacularização racista de nossa ocupação dos espaços educacionais e acadêmicos – começa avançar, a se tornar autônoma, inovadora, demandando um olhar mais respeitoso e fidedigno. Essa conquista, essa apropriação de territórios contestados, remete a novas diligências e obstinações, dado os dilemas e entraves preceituados pelo racismo. Lélia Gonzalez diz:

Mas [...] é justamente a consciência objetiva desse racismo sem disfarces e o conhecimento direto de suas práticas cruéis que despertam esse empenho, no sentido de resgate e afirmação da humanidade e competência de todo um grupo étnico considerado “inferior”. A dureza dos sistemas fez com que a comunidade negra se unisse e lutasse, em diferentes níveis, contra todas as formas de opressão racista. (GONZALEZ, 1988, p. 74).

Fruto de minha união à comunidade negra e minha luta junto a ela, esta tese, produzida, como disse na seção de agradecimentos, “com suor negro e sangue negro e lágrimas negras”, “representa uma decolonização de conhecimentos, meu grito aguerrido e indignado, minha luta de resistência contra o cis-heteropatricardo branco e elitista que, incansavelmente, tenta amordaçar a minha boca – e tantas outras – e subjugar o meu corpo – e tantos outros – às suas regras arbitrária e eurocentricamente estabelecidas. Configura, de mais a mais, minha diligência e militância antirracista, antissexista, antitrans/homofóbica, anticlassista empreendidas contra o autoritarismo desmesurado e descompassado, que me abate, dizima, massacra e assassina: “*I can’t breathe!, I can’t breathe!, I can’t breathe!*””.

Relato aqui um doloroso episódio pessoal, ocorrido durante meu percurso acadêmico, em muito relacionado com as questões discutidas neste trabalho. Trata-se de um caso elucidativo de como muitos intelectuais brancos, em sua posição de “sujeitos soberanos”, arrogantemente, colocam-se como “supervisores” das práticas e dos discursos culturais negros, esquecendo-se de que falam a partir de um lugar de privilégio social. O relato a seguir está inscrito nos contornos de uma prática de “desidentificação” (MUÑOZ, 1999), pois envolve um trabalho dentro da e contra a ideologia dominante na busca de efetivação de mudanças. “Trabalhar dentro da” e “contra a” tal ideologia é impulsionar um estratagema de transformação da lógica cultural a partir de seu interior.

Eis a devastadora (e racista) ocorrência. Tempos atrás, quando ainda cursava uma disciplina no início do meu percurso pela pós-graduação, um certo professor contestou minha capacidade de escrita. Deu a entender, diante de todos os meus companheiros de turma, que meu projeto estava, aparentemente, muito bem redigido para ter sido feito por mim sozinho. Como se essa sua única atitude não fosse suficientemente lamentável, pontuou ainda que o texto tendia ao poético, fugindo, por vezes, aos critérios das normas acadêmicas. Naquele momento preciso, desconcertado com as colocações (sorrrateiramente ofensivas) por ele feitas, nem mesmo fui capaz de respondê-las. Tornou-se evidente para mim e para meus colegas de turma então presentes que, na visão desse certo professor, sujeitos negros não têm capacidade intelectual para escrever ou não deveriam ter direito à escrita (instrumento hegemônico, em sua concepção). Hoje, anos mais tarde, concluindo a redação de minha tese de doutorado em defesa de sujeitos negros, apresento minha réplica, transbordante de poesia.

Meus silêncios nunca me salvaguardaram. Ao contrário, precisei ser exaustiva e ostensivamente vocal. Adotei um estilo de escrita que, por sua retórica de excessos, muitos julgam extrapolar os limites do normativismo acadêmico e beirar o poético – ainda que o (po)ético me pareça tanto mais conveniente. Meu texto, radicado nas minhas dores, (dis)sabores, (des)amores, entoa meu grito destemido e beligerante e, se cumpre, ao lado de meu ponto de vista e a defesa de meus argumentos, uma função (po)ética, tanto melhor. Longe de irreflexões ou ingenuidades de minha parte, tal fato é completamente deliberado, afinal:

[...] a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Súplica ao vazio, diálogo com a ausência, é alimentada pelo tédio, pela angústia e pelo desespero. Oração, litania, epifania, presença. Exorcismo, conjuro, magia. Sublimação, compensação, condensação do inconsciente. [...]. Obediência às regras; criação de outras. Imitação dos antigos, cópia do real, cópia de uma cópia da Idéia. [...] Visão, música, símbolo. Analogia: o poema é um caracol onde ressoa a música do mundo, e métricas e rimas são apenas correspondências, ecos, da harmonia universal. Ensino, moral, exemplo, revelação, dança, diálogo, monólogo. Voz do povo, língua dos escolhidos, palavra do solitário. Pura e impura, sagrada e maldita, popular e minoritária, coletiva e pessoal, nua e vestida, falada, pintada, escrita, ostenta todas as faces (PAZ, 1982, p. 15-16).

Num ato audacioso – também expressão de minha resistência –, assumo para mim e para o meu trabalho o mesmo posicionamento que Grada Kilomba toma para si. Sou-lhe tributário ao defender que

[...] demandando uma epistemologia que inclua o pessoal e o subjetivo como parte do discurso acadêmico, pois todas/os nós falamos de um tempo e lugar específicos, de uma história e uma realidade específicas – não há discursos neutros. Quando acadêmicas/os *brancas/os* afirmam ter um discurso neutro e objetivo, não estão reconhecendo o fato de que elas e eles também escrevem de um lugar específico que, naturalmente, não é neutro nem objetivo ou universal, mas dominante. É um lugar de poder. Desse modo, se esses ensaios [e, aqui, acrescento esta tese] parecem preocupados em narrar as emoções e a subjetividade como parte do discurso teórico, vale lembrar que a teoria está sempre posicionada em algum lugar e é sempre escrita por alguém. Meus escritos podem ser incorporados de emoção e de subjetividade, pois, contrariando o academicismo tradicional, as/os intelectuais *negras/os* se nomeiam, bem como seus locais de fala e de escrita, criando um novo discurso com uma nova linguagem. Eu como [homem *negro*], escrevo com palavras que descrevem minha realidade, não com palavras que descrevam a realidade de um erudito *branco*, pois escrevemos de lugares diferentes. Escrevo da periferia, não do centro. Este é também o lugar de onde eu estou teorizando, pois coloco meu discurso dentro da minha própria realidade. O discurso das/os intelectuais *negras/os* surge, então, frequentemente como um discurso lírico e teórico que transgredir a linguagem do academicismo clássico. Um discurso que é tão político quanto pessoal e poético, como os escritos de Frantz Fanon ou os de bell hooks. Essa deveria ser a preocupação primordial da descolonização do conhecimento acadêmico, isto é, “lançar uma chance de produção de conhecimento emancipatório alternativo” [...], a fim de transformar “as configurações do conhecimento e do poder em prol da abertura de novos espaços para a teorização e para a prática”. Como escritoras/es e acadêmicas/os *negras/os*, estamos transformando configurações de conhecimento e poder à medida que nos movemos entre limites opressivos, entre a margem e o centro. Essa transformação é refletida em nossos discursos. Quando produzimos conhecimento, argumenta bell hooks, nossos discursos incorporam não apenas palavras de luta, mas também de dor – a dor da opressão. E ao ouvir nossos discursos, pode-se também ouvir a dor e a emoção contidas em sua precariedade: a precariedade [...] de *ainda* sermos excluídas/os de lugares aos quais acabamos de “chegar”, mas dificilmente podemos “ficar” (KILOMBA, 2019, p. 59).

Fazendo coro com as vozes *quare*: “[d]evemos emergir novamente como guerreiros e travar uma batalha de amor como um legado [...] para nós mesmos.” (JOHNSON, 2008, p. xxv, tradução nossa).¹⁵⁹ Estamos trazendo à luz as vidas que levamos nas sombras; estamos pondo fim ao estado de mudez e subalternidade; estamos liberando os gritos aguerridos antes presos em nossas gargantas, clamando resistentemente por nosso lugar no mundo:

Pelo fogo

Crescer Negro e gay
 Numa sociedade racista e homofóbica
 Jamais alguém disse que seria fácil.

¹⁵⁹ “We must emerge again as warriors and wage a battle of love as a legacy [...] to ourselves.” (JOHNSON, 2008, p. xxv).

Tenho tido meus momentos de sofrimento, de mágoa
 Meus momentos de decepção e de desilusão
 Mas tenho sobrevivido.
 Tenho sido insultado, maltratado
 Depreciado e, por vezes,
 Simplesmente tolerado
 Mas tenho sobrevivido.
 Tenho sido apagado, silenciado
 Ridicularizado e ignorado
 Mas tenho sobrevivido.
 Tenho sido colocado à prova, no fogo,
 E dele saio puro
 Tal como ouro preto.

(GRIMES, 2005, p. 356).¹⁶⁰

¹⁶⁰ ***Through the fire*** // Growing up Black and gay / In a racist, homophobic society / Nobody ever said it was gonna be easy. / I've had my share of heartaches, heartbreaks / My share of being stood up and let down / But I have survived. / I've been abused, misused / Unappreciated and sometimes / Simply tolerated / But I have survived. / I've been invisible, silenced / Laughed at and scorned / But I have survived. / I've been tried in the fire / And I'm comin out pure / Like black gold." (GRIMES, 2005, p. 356).

REFERÊNCIAS

(CHARLES), Helen. “Queer Nigger”: Theorizing “White” Activism. *In*: BRISTOW, Joseph; WILSON, Angela R. (ed.). **Activating Theory: Lesbian, Gay, Bisexual Politics**. London: Lawrence and Wishart, 1993. p. 101-102.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução de Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALAFIN, Valdevino. Ogum. [s.d.] Disponível em <http://www.umbandadanatureza.com.br/OX006.HTML>. Acesso em: 01 nov. 2019.

ALCOFF, Linda Martín. Uma epistemologia para a próxima revolução. **Revista Sociedade e Estado**. v. 31, n. 1, p. 129-143, jan./abr. 2016.

ALEXANDER, Michelle. **A nova segregação: racismo e encarceramento em massa**. Tradução de Pedro Davoglio; Revisão técnica e notas Silvio Luiz de Almeida. São Paulo: Boitempo, 2017.

ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Apresentando Spivak. *In*: SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010, p. 7-18.

ALMEIDA, Sílvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALOS, Anselmo Peres. Corpo infectado/corpus infectado: aids, narrativa e metáforas oportunistas. **Rev. Estud. Fem.** [online]. 2019, vol. 27, n. 3, e57771. Epub sep 01, 2019.

ALTMAN, Dennis. On Global Queering. **Australian Humanities Review**, v. 2, jul. 1996. Disponível em: <http://australianhumanitiesreview.org/1996/07/01/on-global-queering/>. Acesso em: 29 ago. 2018.

ANGELOU, Maya. Pássaro engaiolado. *In*: ANGELOU, Maya. **Shaker, Why Don't You Sing?** New York: Random House, 1983. Disponível em: <https://ultimato.com.br/sites/gladircabral/2014/11/20/1118/>. Acesso em 16 fev. 2021.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza**. San Francisco: Spinsters/Aunt Lute, 1987.

ARAGO, Jacques Étienne Victor. **Castigo de Escravos**. 1839. Litografia aquarelada sobre papel (sem dimensões definidas).

ARANTES, José Estevão Rocha. Vivendo no Entre-lugar: Raça e Homossexualidade na Construção de Identidades. *In*: COSTA, Horácio da. *et al.* (org.). **Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos**. São Paulo: EdUSP, 2010. p. 959-981.

AUGRAS, Monique. **O duplo e a metamorfose**: a identidade mítica em comunidades nagô. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

AZEVEDO FILHO, Deneval Siqueira de. A poética maldita de Waldo Motta: melancolia e desencanto na marginalidade periférica. **Revista Estação Literária**, Londrina, v. 12, p. 272-283, jan. 2014.

BAKER JR., Houston. **Modernism and the Harlem Renaissance**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

BALDWIN, James. **The Fire Next Time**. Harmondsworth: Penguin, 1963.

BARBOSA, Muryatan Santana. **A razão africana**: breve história do pensamento africano contemporâneo. São Paulo: Todavia, 2020.

BARCELLOS, José Carlos. Poéticas do masculino: Olga Savary, Valdo Motta e Paulo Sodré. In: PEDROSA, Celia (org.). **Mais poesia hoje**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. p. 77-86.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução de Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução, Plínio Dentzien. Rio Janeiro: Jorge Zahar, 2001,

BEAM, Joseph (ed.). **In the Life**: A Black Gay Anthology. 2. ed. Washington, DC: Redbone Press, 2008.

BEAM, Joseph. **Brother to Brother**: New Writings by Black Gay Men. Washington: Redbone Press, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 222-232.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

BENVENISTE, Emile. **Probl mes de linguistique générale**. Paris: Gallimard, 1966. v. 1.

BHABHA, Homi. Interrogating identity: The Post Colonial Prerogative. *In*: DU GAY, Paul; EVANS, Jessica; REDMAN, Peter (ed.). **Identity: a reader**. Los Angeles: Sage. 2000, p. 94-101.

BLACKBERRI. Beautiful Blackman. *In*: BEAM, Joseph. (ed.). **In the Life: A Black Gay Anthology**. 2. ed. Washington, DC: Redbone Press, 2008, p. 35-36.

BOSI, Alfredo. Entrevista a Rinaldo Gama: Poesia como resposta à opressão. **Revista FAPESP**, ed. 87. São Paulo, mai. 2003. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/folheie-a-ed-87/>. Acesso 08 dez. 2021.

BRISTOW, Joseph; WILSON, Angela R. (ed.). **Activating Theory: Lesbian, Gay, Bisexual Politics**. London: Lawrence and Wishart, 1993.

BROWN, Rita Mae. The Last Straw. *In*: BUNCH, Charlotte; MYRON, Nancy (org.). **Class and feminism: a collection of essays from the Furies**. Baltimore: Diana Press Publications, 1974.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'. *In*: LOURO, Guacira Louro. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-172.

BUTLER, Judith. Entrevista. *In*: PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Revista de Estudos Feministas**, v. 10, n. 1. Florianópolis, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2002000100009&script=sci_arttext. Acesso em: 01 nov. 2019.

BUTLER, Judith. **O clamor de Antígona: parentesco entre a vida e a morte**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 10. ed. Tradução de R. Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BUTLER, Judith. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Tradução de Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. [2004]

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia**. Tradução de Fernanda Siqueira Miguens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CABRAL, Amílcar. **Emergência da poesia em Amílcar Cabral (30 poemas)**. Coleção Dragoeiro. Praia: Edição Grafedito, 1983.

CALDEIRA, Rodrigo Leite. Waldo Motta: poesia, crítica e problema. **Revista Contexto**, Vitória, n. 15 e 16, p. 334-345, 2008/2009.

CAMARGO, Fábio Figueiredo.; SANTOS, Ricardo Alves dos. Bicha preta reza o corpo. **Revista Língua & Literatura**, v. 35, n. 20, p. 31-42, Jan./Jun. 2018.

CAMPBELL, Neil.; KEAN, Alasdair. **American Cultural Studies: An Introduction to American Culture**. New York: Routledge, 1997.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CARMICHAEL, Stokely. **Black Power**. Harmondsworth: Penguin, 1967.

CARMICHAEL, Stokely. **O poder negro**. 2. ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.

CARMICHAEL, Stokely. **Stokely Speaks: From Black Power to Pan-Africanism**. Chicago: Lawrence Hill Books, 2007.

CARMICHAEL, Stokely. What we want. **The New York Review of Books**, v. 7, n. 4, sept. 22, 1966. Disponível em: <https://www.nybooks.com/articles/1966/09/22/what-we-want/>. Acesso em: 30 abr. 2021.

CASSIRER, Ernst. **An Essay on Man: An Introduction to a Philosophy of Human Culture**. New Haven: Yale University Press, 1944.

CASTRO, Mary Garcia. Mulheres sindicalizadas: classe, gênero, raça e geração na produção de novos sujeitos políticos, um estudo de caso. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Baltazar do Tempo, 2019, p. 212-232.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução de Anísio Garcez Homem. Florianópolis: Editora Letras Contemporâneas, 2010 [1978].

CÉSAR, Caio. Hipersexualização, autoestima e relacionamento interracial. In: RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo de. **Diálogos contemporâneos: sobre homens negros e masculinidades**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019, p. 53-75.

CHAMPAGNE, John. **The ethics of marginality**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1995.

CLEAVER, Eldridge. **Soul on Ice**. New York, NY: Delta. 1999.

COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought. Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment**. New York: Routledge, 2000.

COLLINS, Patricia Hill. Comentário sobre o artigo de Hekman "Truth and Method: Feminist Standpoint Theory Revisited": Onde está o poder? Tradução de Juliana Borges. **Signs**, v. 22, n. 2, p. 375-381, 1997.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Intersectionality**. Cambridge: Polity Press, 2016.

CONERLY, Gregory. Are You Black First or Are You Queer? In: CONSTANTINE-SIMMS, Delroy. (ed.). **The Greatest Taboo: Homosexuality in Black Communities**. Los Angeles: Alyson Books, 2001. p. 7-23.

CONSTANTINE-SIMMS, Delroy. (ed.). **The Greatest Taboo: Homosexuality in Black Communities**. Los Angeles: Alyson Books, 2001.

COSTA, Horácio da. *et al.* (org.). **Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos**. São Paulo: EdUSP, 2010.

CRENSHAW, Kimberlé *et al.* (ed.). **Critical Race Theory: The Key Writings That Formed the Movement**. New York: New Press, 1995.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativo ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

CRENSHAW, Kimberlé. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. *In: CRENshaw, Kimberlé et al.* (ed.). **Critical Race Theory: The Key Writings That Formed the Movement**. New York: New Press, 1995. p. 357-383.

DA QUEBRADA, Linn. **Bixa Preta**. 23 fev. 2017. (3min31s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VyrQPjG0bbY>. Acesso em: 5 fev. 2019.

DAIS, Stephan Lee. Don't Turn Your Back on Me. *In: BEAM, Joseph* (ed.). **In the Life: A Black Gay Anthology**. 2. ed. Washington, DC: Redbone Press, 2008, p. 37-39.

DALCASTAGNÈ, Regina. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. **Revista Iberic@l**, Paris, n. 2, p.13-18, mar. 2012. Disponível em: <http://iberical.paris-sorbonne.fr/wp-content/uploads/2012/03/002-02.pdf> Acesso em: 15 set. 2020.

DALCASTAGNÈ, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias no narrativo contemporâneo. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 42, n. 4, p 18-31, 2007.

DERRIDA, Jacques. **Posições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DOUGLASS, Frederick. **The Narrative of the Life of Frederick Douglass, An American Slave**. Harmondsworth: Penguin, 1982 [1845].

DU GAY, Paul; EVANS, Jessica; REDMAN, Peter (ed.). **Identity: a reader**. Los Angeles: Sage. 2000.

EAGLETON, Terry. **Marxismo e crítica literária**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ELLISON, Ralph. **Invisible Man**. Harmondsworth: Penguin, 1952.

ELLISON, Ralph. Twentieth Century Fiction and the Black Mask of Humanity. *In: MITCHELL, Angelyn* (ed.). **Within the Circle: An Anthology of African American Literary Criticism from the Harlem Renaissance to the Present**. New York, USA: Duke University Press, 1994 [1953], p. 134-148.

ESSED, Philomena. **Understanding everyday racism: an interdisciplinary theory**. Newbury Park: Sage Publications, 1991.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento da minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane. (org.). **Mulheres no mundo**. Etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Ed. Universitária; Ideia, 2005, p. 201-212.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.

EVARISTO, Conceição. Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio. **Carta Capital**, 13 mai. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/>. Acesso em: 31 mai. 2020.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1968

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008 [1952].

FARIAS, Jordão. **A (falta de) representatividade negra: usos, sentidos e efeitos na sociedade brasileira**. 2018. <https://medium.com/@fariasjordao/a-falta-de-representatividade-negra-usos-sentidos-e-efeitos-na-sociedade-brasileira-16f89770927b>. Acesso em: 01 mai. 2020.

FAUSTINO, Deivison Mendes. Prefácio. In: RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo de. **Diálogos contemporâneos: sobre homens negros e masculinidades**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019, p. 13-20.

FAUSTINO, Mário. **Poesia-experiência**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FELBERG, Edgard. **O sexo nu: bareback e outras reflexões**. Curitiba: Appris, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento / Michel Foucault**. Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. (Ditos e Escritos II)

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Il faut défendre la société**. Cours au Collège de France. Paris: Éditions de Seuil, 1997.

FRANCO, Gustavo Cambraia. Dante (c. 1265-1321) e a Estética Musical da Divina Comédia. *In: Mirabilia* 28. 2019. Disponível em: https://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/31.28_0.pdf. Acesso em: 10 nov. 2019.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. 3. ed. São Paulo: Claridade, 2015.

GARCÍA, Paulo César. Para o-cu-par, entre! Entre políticas, estéticas, subjetividades e corpos indisciplinados. **Fólio** - Revista de Letras, v. 9, n. 1. p. 121-144, 2017.

GIFFNEY, Noreen.; O'ROURKE, Michael. **The Ashgate Research Companion to Queer Theory**. London: Routledge, 2009.

GOMES, Deny. Prefácio. *In: MOTTA, Valdo. Eis o homem*. Vitória: Ed. da Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1987, p. 99-103.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 92, n. 93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**. Brasileiro Rio de Janeiro, n. 92/93 (jan./jun.), 1988, p. 69-82.

GRIMES, Thomas. Glass Closets. *In: SAINT, Assotto (ed.). Milking black bull: 11 gay black poets*. Sicklerville, NJ: Vega Press, 1995. p. 109-121.

GRIMES, Thomas. **Reclamations**. Cambridge: Parfait de Cocoa, 1994.

GRIMES, Thomas. Thomas Grimes. *In: OVERBEA, Luix V. Poets on the Horizon: A Collection of Poetry*. Boston: Boston Public Library, 1988, p. 77-81.

GRIMES, Thomas. Through the fire. *In: HICKMAN, Craig. Fumbling Toward Divinity: The Adoption Scriptures*. Maine: Annabessacook Farm, 2005, p. 356.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? *In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 103-133.

HALPERIN, David M. **San Foucault: para una hagiografia gay**. Buenos Aires: Ediciones Literales, 2004.

HAMILTON, Charles V.; TURE, Kwame (Stokely Carmichael). **Black Power: Politics of Liberation in America**. Vintage books, 1992 [1967].

HARDY, James Earl. And We Continue to Go the Way Our Blood Beats.... *In: BEAM, Joseph (ed.). In the Life: A Black Gay Anthology*. 2. ed. Washington, DC: Redbone Press, 2008, p. ix-xiv.

HEMPHILL, Essex. **Ceremonies: Prose and Poetry**. New York: Plume, 1992.

HEMPHILL, Essex. For My Own Protection. *In: BEAM, Joseph. (ed.). In the Life: A Black Gay Anthology*. 2. ed. Washington, DC: Redbone Press, 2008, p. 174.

HEMPHILL, Essex. Loyalty. *In*: HEMPHILL, Essex. **Ceremonies**: Prose and Poetry. New York: Plume, 1992, p. 63-64.

HEMPHILL, Essex. Serious Moonlight *In*: BEAM, Joseph (ed.). **In the Life**: A Black Gay Anthology. 2. ed. Washington, DC: Redbone Press, 2008, p. 82-83.

HICKMAN, Craig. **Fumbling Toward Divinity**: The Adoption Scriptures. Maine: Annabessacook Farm, 2005.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.). **Pensamento feminista brasileiro**: formação e contexto. Rio de Janeiro: Baltazar do Tempo, 2019.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Boi no tempo, 2019.

HOOKS, Bell **Yearning**: race, gender, and cultural politics. New York: Routledge, 2015.

HOOKS, Bell. **Black looks**: race and representation. Boston: South End Press, 1992.

HOOKS, Bell. Homophobia in Black Communities. *In*: CONSTANTINE-SIMMS, Delroy. (ed.). **The Greatest Taboo**: Homosexuality in Black Communities. Los Angeles: Alyson Books, 2001. p. 67-73.

HOOKS, Bell. **Killing Rage**: Ending Racism. New York: Henry Holt, 1995.

HOOKS, Bell. **Olhares negros**: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, Bell. **Talking Back**: Thinking Feminist, Thinking Black. Boston, MA: South End Press, 1989.

HOOKS, Bell. **Yearning**: Race, Gender and Cultural Politics. Boston: South End Press, 1990.

HORTA, Maria Teresa. **A palavra das mulheres**: uma escrita do corpo. 2007. Disponível em: <http://www.igualdades2007.com.pt/>. Acesso em: 16 dez. 2020.

HOUAISS. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HUGHES, Langston. The Negro Artist and the Racial Mountain. *In*: WALSER, Robert (ed.). **Keeping Time**: Readings in Jazz History. New York: Oxford University Press, 1999, p. 55-57.

HUTCHINSON, Earl Ofari. My Gay Problem, Your Black Problem. *In*: CONSTANTINE-SIMMS, Delroy. (ed.). **The Greatest Taboo**: Homosexuality in Black Communities. Los Angeles: Alyson Books, 2001. p. 2-6.

INÁCIO, Emerson da Cruz. Algumas interseccionalidades e um texto cuir para chamar de “(m)eu”: retratos da produção estética afro-lusobrasileira. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 33, p. 225-240, 2018.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ed. Ática, 2014.

JESUS, Danie Marcelo de; CARBONIERI, Divanize.; NIGRO, Claudia Maria Ceneviva. (org.). **Estudos sobre gênero**: identidades, discursos e educação. Homenagem a João W. Nery. Campinas-SP: Pontes Editores, 2017.

JOHNSON, Brad. Coming of Age. *In*: BEAM, Joseph (ed.). **In the Life**: A Black Gay Anthology. 2. ed. Washington, DC: Redbone Press, 2008, p. xxv.

JOHNSON, Brad. The Buddy System. *In*: BEAM, Joseph (ed.). **In the Life**: A Black Gay Anthology. 2. ed. Washington, DC: Redbone Press, 2008, p. 79-80.

JOHNSON, E. Patrick. ‘Quare’ Studies or (Almost) Everything I Know about Queer Studies I Learned from My Grandmother. *In*: JOHNSON, E. Patrick.; HENDERSON, Mae. G. (ed.). **Black Queer Studies**: A Critical Anthology. Durham: Duke University Press, 2005. p. 124-157.

JOHNSON, E. Patrick. Estudos “*quare*” ou (quase) tudo o que sei sobre estudos *queer* aprendi com minha avó. Tradução de Fernando Luís de Moraes. *In*: DE MORAIS, Fernando Luís. **Analítica quare**: como ler o humano. Salvador – BA: Editora Devires, 2020.

JOHNSON, E. Patrick.; HENDERSON, Mae. G. (ed.). **Black Queer Studies**: A Critical Anthology. Durham: Duke University Press, 2005.

JONES, A. Billy S. A Father’s Need; A Parent’s Desire. *In*: BEAM, Joseph (ed.). **In the Life**: A Black Gay Anthology. 2. ed. Washington, DC: Redbone Press, 2008. p. 101-108.

JORDAN, Glenn; WEEDON, Chris. **Cultural Politics**, Oxford: Blackwell, 1995.

KAUR, Rupí. **Outros jeitos de usar a boca**. Tradução de Ana Guadalupe. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2017.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogo, 2019.

KING, Richard. Citizenship and Self-Respect: The Experience of Politics in the Civil Rights Movement. **Journal of American Studies**, v. 22, n. 1, p. 7–24, 1988.

LAZARETTI, Bruno. O que é um Exu? Entenda a divindade, parte do candomblé e da umbanda. **Super Interessante**, 04 jul. 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-um-exu/>. Acesso em: 01 nov. 2019.

LEVINE, Lawrence. **Black Culture and Black Consciousness**. New York: Oxford University Press, 1977.

LIPSITZ, George. **Time Passages**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1990.

LOERKE, Oskar. Da lírica moderna. *In*: DIAS, Maria Heloísa Martins. **A estética expressionista**. Cotia: Íbis, 1999. p. 55-60.

LOPES, Denilson. **No coração do mundo**: paisagens transculturais. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2012.

LORDE, Audre. **The Master's Tools Will Never Dismantle the Master's House**. 1979. Disponível em: <https://www.historyisaweapon.com/defcon1/lordedismantle.html>. Acesso em: 06 nov. 2018

LORDE, Audre. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Boi no tempo, 2019, p. 239-249.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**: ensaio e conferências. Belo Horizonte, Autêntica, 2019 [1984].

LORDE, Audre. Learning from the 60s. In: LORDE, Audre. **Sister Outsider**: Essays and Speeches. Berkeley: Crossing Press, 2007.

LORDE, Audre. **Sister Outsider**: Essays and Speeches. Berkeley: Crossing Press, 2007 [1984].

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre a sexualidade e a teoria queer. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LOURO, Guacira Louro. (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MATSUDA, Mari. J. When the First Quail Calls: Multiple Consciousness as Jurisprudential Method. **Women's Rights Law Reporter**, v. 11, n. 1, p. 7-10, 1989. Disponível em: <https://www.northeastern.edu/lawstudentaffairs/wp-content/uploads/2018/07/When-the-First-Quail-Calls.pdf>. Acesso em 16 dez. 2021.

MCBRIDE, Dwight A. Can the Queen Speak? Racial Essentialism, Sexuality, and the Problem of Authority. In: CONSTANTINE-SIMMS, Delroy. (ed.). **The Greatest Taboo**: Homosexuality in Black Communities. Los Angeles: Alyson Books, 2001. p. 24-43.

MERQUIOR, José Guilherme. **De Anchieta a Euclides**: breve história da literatura brasileira. 3 ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

MITCHELL, Angelyn (ed.). **Within the Circle: An Anthology of African American Literary Criticism from the Harlem Renaissance to the Present**. New York, USA: Duke University Press, 1994 [1953].

MOMBAÇA, Jota. Notas estratégicas quanto ao uso político do conceito de lugar de fala. **Buala**. 2017. Disponível em: <https://jotamombaca.com/texts-textos/notas-estrategicas/>. Acesso 01 mai 2020

MOMBAÇA, Jota. O mundo é meu trauma. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, n. 11, p. 20-25, 2017.

MOORE, Carlos. **Racismo & sociedade**: novas bases epistemológicas para a compreensão do racismo na História. Belo Horizonte: Maza Edições, 2007.

MOORE, Darnell L. An Interrogation of the Black Presence in the Queer Project. **Trans-Scripts** 1, p. 154-171, 2011.

MORAIS, Fernando Luís de. **Diamantes negros sob um arco-íris multicolorido**: as identidades negras-gay na poesia de Thomas Grimes. Orientadora: Cláudia Maria Ceneviva Nigro. 2019. 150 f. Dissertação (Mestrado Teoria da Literatura) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2019.

MORAIS, Fernando Luís de. **Nothing is black or white, it can also be g(r)ay**: a study of identity constructions in Thomas Grimes' poetry. Orientador: Cláudia Maria Ceneviva Nigro. 2012. 20 f. Trabalho de conclusão (Especialização em Estudos Avançados em Língua Inglesa) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2012.

MORAIS, Fernando Luís. de. Vozes inquebrantáveis: a construção identitária na poesia de Thomas Grimes. In: NIGRO, Cláudia Maria Ceneviva; CHATAGNIER, Juliane Camila. (org.). **Literatura e gênero**. São José do Rio Preto, SP: HN, 2015. p. 79-106.

MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane. (org.). **Mulheres no mundo**. Etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Ed. Universitária; Ideia, 2005.

MOTTA, Valdo. **Eis o homem**. Vitória: Ed. da Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1987.

MOTTA, Waldo. **Bundo e outros poemas**. Campinas: Editora UNICAMP, 1996.

MUÑOZ, José Esteban. **Disidentifications**: Queers of Color and the Performance of Politics. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

OVERBEA, Luix V. (ed.). **Poets on the Horizon**: A Collection of Poetry. Boston: Boston Public Library, 1988.

PAZ, Octavio. **Libertad bajo palabra**: obra poética (1935-1957). México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

PAZ, Octavio. **O Arco e a lira**. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PELÚCIO, Larissa. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. **Contemporânea** – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 2, n. 2, p. 395-418, jul./dez. 2012.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Flores da escrivainha**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura comparada, intertexto e antropofagia. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Flores da escrivantina**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 91-99.

PINHO, Osmundo. Qual é a identidade do homem negro? **Democracia viva**, n. 22, p. 64-69, jun./jul. 2004.

POCAHY, Fernando (org.). **Rompendo o Silêncio: Homofobia e Heterossexismo na Sociedade Contemporânea**. Porto Alegre, Nuances, 2007.

PORTAL LUTERANOS. **Por que sino na igreja?** 2017 Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/por-que-sino-na-igreja>. Acesso em: 08 dez. 2021.

REID-PHARR, Robert F. **Black Gay Man**: Essays. New York: New York University Press, 2001.

RESTIER, Henrique. O duelo viril: confrontos entre masculinidades no Brasil mestiço. In: RESTIER, Henrique.; SOUZA, Rolf Malungo. (org.). **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019. p. 21-51.

RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo de (org.). **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019.

RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo de. **Diálogos contemporâneos**: sobre homens negros e masculinidades. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

RIGGS, Marlon. Tongues Untied. In: BEAM, Joseph. **Brother to Brother**: New Writings by Black Gay Men. Washington: Redbone Press, 2007 [1989], p. 249-255.

RIOS, Roger Raupp. O Conceito de Homofobia na Perspectiva dos Direitos Humanos e no Contexto dos Estudos sobre Preconceito e Discriminação. In: POCAHY, Fernando (org.). **Rompendo o Silêncio: Homofobia e Heterossexismo na Sociedade Contemporânea**. Porto Alegre, Nuances, 2007, pp. 27-48.

ROCHA, Marlúcia Mendes da. Ogum. In: **Revista Kawé**. Ilhéus, n. 2, p. 14-16, 2001.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAINT, Assotto (ed.). **Milking black bull**: 11 gay black poets. Sicklerville, NJ: Vega Press, 1995.

SAM-LA ROSE, Jacob. Poetry. **Sable**: The Literature Magazine for Writers. Winter. 2002, p. 60.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologia do Sul**. Coimbra: Edições Almedina S.A, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. Introdução. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologia do Sul**. Coimbra: Edições Almedina S.A, 2009, p. 9-19.

SANTOS, Ricardo Alves dos. A poética profanada de Waldo Motta. **Revista Estação Literária**, Londrina, v. 13, p. 40-61, jan. 2015.

SANTOS, Ricardo Alves dos.; PEREIRA, Kênia Maria de Almeida. Os mitos africanos e a lírica de protesto na poesia contemporânea de Waldo Motta. **Texto Poético**, v. 12, p. 94-106. 2012.

SARTRE, Jean-Paul. Prefácio. In: FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1968, p. 1-21.

SCHWARZ, Roberto. **Por uma experiência brasileira**. Entrevista de Roberto Schwarz a Eduardo Nassi. Porto Alegre: Zero Hora, 01.07.2000, Cultura, p. 3.

SHEPHERD, Reginald. On Not Being White. In: BEAM, Joseph (ed.). **In the Life: A Black Gay Anthology**. 2. ed. Washington, DC: Redbone Press, 2008. p. 24-34.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. O corpo do poema e os poemas sobre corpos: derrisão e ambivalência linguística na poesia de Waldo Motta. **Gláuks revista de Letras**, v. 15, p. 169-183, 2015.

SILVA, Igor Pires da. **Textos cruéis demais para serem lindos rapidamente**. São Paulo: Globo Alt, 2017.

SILVA, Rodrigo dos Santos Dantas da. A paródia e o homoerostismo religioso em Bundo e Outros poemas, de Waldo Motta. In: **SENACORPUS** - seminário corpus possíveis no Brasil profundo. Campina Grande - PB: Realize, 2018, p. 723-741. Disponível em https://www.editorarealize.com.br/editora/ebooks/senacorp/2018/TRABALHO_EV103_MD1_SA14_ID82_04032018231151.pdf. Acesso em: 07 dez. 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

SIMON, Iumna Maria. Revelação e desencanto: a poesia de Waldo Motta. **Novos Estudos**, São Paulo: Cebrap, n. 70, p. 209-233, nov. 2004.

SISCAR, Marcos. **O roubo do silêncio**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

SOARES, Elza. **A carne** [2017]. Disponível em: <https://vimeo.com/244706631>. Acesso em: 16 jan. 2019.

SOTERO, Edilza Correia. Transformações no acesso ao ensino superior brasileiro: algumas implicações para os diferentes grupos de cor e sexo. In: MARCONDES, Mariana Mazzini *et al.* **Dossiê Mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**.

Brasília: IPEA, 2013. p. 35-52. Disponível em: <https://goo.gl/P7nmii>. Acesso em: 26 set. 2017.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010 [1988].

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Upon Reading the Companion to Postcolonial Studies. In: SCHWARZ, Henry; RAY, Sangeeta (ed.). **A Companion to Postcolonial Studies**. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2005. p. xv-xxii.

SQUARISI, Dad. **A redondilha cola na memória**. 2011. Disponível em: http://blogs.correiobraziliense.com.br/dad/a_redondilhaCola_na_memoria/. Acesso em: 01 nov. 2019.

TAYLOR, Yvette. Queer, but Classless? In: GIFFNEY, Noreen.; O'ROURKE, Michael. **The Ashgate Research Companion to Queer Theory**. London: Routledge, 2009, p. 199-218.

THOMPSON, Jerry. 19 a poem about Kenny / portrait of a hard rock. In: BEAM, Joseph. (ed.). **In the Life: A Black Gay Anthology**. 2. ed. Washington, DC: Redbone Press, 2008. p. 88.

TREVISAN, João Silvério. Enjoo Poético. Trechos da apresentação de entrevista de Valdo Motta a João Silvério Trevisan. **Suigeneris**, n. 23. São Paulo, 1997.

VEIGA, Lucas. Além de preto é gay: as diásporas da bixa preta. In: RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo de (org.). **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019. p. 77-93.

VEIGA, Lucas. Além de preto é gay: as diásporas da bixa preta. In: RESTIER, Henrique.; SOUZA, Rolf Malungo. (org.). **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019. p. 77-93.

VIEIRA JR., Erly. **A desbundada poesia erótico-mística de Waldo Motta**. [s. l.] 2006. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/a-desbundada-poesia-erotico-mistica-de-waldo-motta>. Acesso em: 01 nov. 2019.

WALLACE, Maurice O. **Constructing the Black Masculine**. London: Duke University Press, 2002.

WALSER, Robert (ed.). **Keeping Time: Readings in Jazz History**. New York: Oxford University Press, 1999.

WARNER, Michael (ed.). **Fear of a Queer Planet: Queer Politics and Social Theory**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.

WARNER, Michael. Introduction. In: WARNER, Michael (ed.). **Fear of a Queer Planet: Queer Politics and Social Theory**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993. p. vii-xxxi.

WILCHINS, Riki. **Queer Theory, Gender Theory: An Instant Primer**. Los Angeles: Alyson Books, 2004.

WOODS, Donald W. Subway Trilogy. *In*: BEAM, Joseph. (ed.). **In the Life: A Black Gay Anthology**. 2. ed. Washington, DC: Redbone Press, 2008. p. 86.

X, Malcolm. **The Autobiography of Malcolm X**. Harmondsworth: Penguin, 1968 [1965].

YON, Daniel. **Elusive Culture: Schooling, Race, and Identity in Global Times**. Albany: State University of New York Press, 2000.

YOUNG, Thelathia Nikki. **Black Queer Ethics, Family, & Philosophical Imagination**. New York: Palgrave Macmillan, 2016.